

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

O FILÓLOGO E CRÍTICO LITERÁRIO AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA

Leodegário A. de Azevedo Filho (UERJ e UFRJ)
leodegario@openlink.com.br

O filólogo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira nasceu no Estado de Alagoas (Passo Fundo de Camarajibe) no dia 2 de maio de 1910. Boa parte de sua feliz infância passou em sua cidade natal – Porto de Pedras. Mas foi em Maceió, no mesmo e glorioso Estado de Alagoas, mais precisamente no Liceu Alagoano, que se sentiu atraído pelas pesquisas linguísticas. Muito cedo revelou interesse pelo estudo da vida das palavras, tornando-se o reconhecido autor de um *Dicionário da Língua Portuguesa*, o famoso *Dicionário de Aurélio*, que dirimiu muitas dúvidas durante longo tempo e que, ainda hoje, tem sido consultado com grande proveito. Aliás, costuma-se afirmar que seu nome virou sinônimo de *Dicionário*, dizendo-se: “veja o significado no *Aurélio*”.

No ano de 1930, Aurélio fez parte de um grupo de estudiosos que exerceu grande influência no Nordeste, entre filólogos, romancistas e críticos literários, a exemplo de Waldemar Cavalcânti, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Raul Lima e Raquel de Queiroz, entre outros. Em sua terra natal, dirigiu a Biblioteca Municipal de Maceió. Mais tarde, mudou-se para o Rio de Janeiro, mais precisamente, em 1938, colaborando então na imprensa jornalista com vários contos literários, resenhas de livros e artigos de crítica literária. No ano de 1940, lecionou no Colégio Pedro II, estabelecimento de ensino responsável pela programação escolar adotada em todos os colégios de ensino secundário no Brasil. Em 1961, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, ali orientando todas as atividades voltadas para o estudo de Língua Portuguesa, como o mais conceituado filólogo da Casa de Machado de Assis.

A sua bibliografia é, com todo o rigor do termo, científica. Mas também foi autor de obras de ficção literária, escrevendo contos, a exemplo de *Dois mundos*, de 1942. O seu ponto alto de produção especializada, entretanto, encontra-se, como é sabido, nas pesquisas voltadas para o vocabulário de nossa Língua, sem esquecer o

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

seu gosto pelo estudo da linguagem literária de grandes autores, como: *Linguagem e estilo de Eça de Queirós*, obra publicada em 1945. Dedicou-se também a estudos filológicos, como se pode ver no livro *Contos gauchescos e lendas do Sul*, edição crítica, em dois volumes, publicada nos anos de 1945 e 1950. Citamos ainda: *O romance brasileiro, de 1752 a 1930*, obra editada no ano de 1952. Companheiro de estudos literários do escritor Álvaro Lins, em parceria com ele, em dois volumes, no ano de 1956, veio a lume o famoso livro intitulado *Roteiro literário do Brasil e de Portugal*, obra ainda hoje de consulta indispensável, tanto em nosso ensino universitário, como em Portugal. No ano de 1956, como autor de obra de ficção literária, lançou o volume *Dois Mundos*, também festejado pela crítica jornalística da época. Como obras de cunho didático, citamos os livros *Território lírico* (1958) e *Vocabulário Ortográfico Brasileiro* (1969). Como lexicógrafo, reconhecido aqui e no resto do mundo, já com várias edições sucessivas, mencionamos o seu precioso *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, obra que se tornou, a bem dizer, de consulta obrigatória ainda hoje. A ele acrescenta-se a publicação do seu *Novo Dicionário Aurélio*, no ano de 1975, obra utilíssima, que vem recebendo um sem número de atualizações pela equipe que nele trabalha, liderada pela zelosa e sempre atenta Professora Marina Baird Ferreira, sua viúva. Há também o volume de *Seleção em prosa e verso* (1979).

Ao lado de Paulo Rónai, traduziu vários livros de interesse, sempre com rigor filológico, ecdótico e literário. Como obras principais de referência, recomendamos: *ABL 80 anos* e também: *Anuário da Academia Brasileira de Letras, 1970-1972*. E, de Renard Peres, o livro *Escritores brasileiros contemporâneos*, de 1960.

Se alguns livros de sua produção intelectual estão esquecidos, ou esgotados, o tempo lhe faz justiça, colocando a extraordinária importância do seu *Dicionário* ao lado da igual importância do moderno *Dicionário Antônio Houaiss*.

Amigo que fui, tanto de Aurélio, como de Paulo Rónai e de Houaiss, presto aqui, neste Congresso, a minha homenagem póstuma a estes três grandes intelectuais, que tanto honraram, pela palavra e pelo exemplo, os estudos de língua e de literatura no Brasil. De Paulo Rónai (Budapeste, Hungria, 13 de abril de 1907 – Nova Friburgo,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

1º de dezembro de 1992), um dia ouvi que, antes de chegar a Portugal, havia estudado a nossa *Língua Portuguesa* em livros. Mas, com alegria para todos nós, dele também ouvi: “Foi quando cheguei ao Brasil é que reconheci, plenamente, a língua que havia estudado em livros.” A propósito, leia-se o livro de sua autoria *Como aprendi o português e outras aventuras*, de 1956. Nem poderia deixar de citar aqui sem qualquer hesitação, o livro *Mar de histórias* (1983), preciosa seleção e antologia de textos que Paulo Rónai publicou em parceria com Aurélio B. de Holanda, dois nomes que honram a cultura brasileira, juntos.

Em conclusão, resta-nos dizer algumas palavras sobre Aurélio crítico literário e apreciador da boa literatura, nacional ou estrangeira. Nesse sentido, a primeira observação a ser feita é a de que ele não foi um crítico literário meramente impressionista, como muitos de sua geração. A rigor, ele foi além da simples “impressão inicial da leitura”, considerando que esta era apenas a primeira etapa do processo crítico, crítica não raro superficial, infelizmente até hoje existente em certo jornalismo de nossos dias, a que Afrânio Coutinho – o verdadeiro introdutor da *Nova Crítica* no Brasil – dava a denominação de “achismo”, análise sem qualquer profundidade do texto literário. Aqui afirmamos que a crítica desenvolvida por Aurélio Buarque de Holanda não fica na primeira etapa do processo crítico, pois já considerava a *impressão* como primeiro passo da crítica, logo seguido por dois outros: a *etapa da análise* e a *etapa do juízo crítico*, em termos estéticos de literatura. Por isso mesmo, o nosso Aurélio pode ser considerado, no processo de evolução histórica da crítica literária no Brasil, como autêntico precursor da Nova Crítica. Era o que me cumpria dizer neste Congresso de Literatura, coordenado pelo professor José Pereira da Silva, também Membro da Academia Brasileira de Filologia, com o êxito de sempre.